



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-15-4
DOI 10.22533/at.ed.154182208

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Ao longo de toda a história teve diferentes funções: já foi forma de comunicação, magia, doutrinação e tantas outras, todas elas relacionadas ao modo de organização da sociedade.

E a função da arte na atualidade qual será? Entre tantas outras uma função que se destaca: é a da reflexão acerca da sociedade atual, do que nos é ofertado e do que ofertamos aos outros. Arte provoca sentimentos, sensações, desperta o homem para uma realidade que nem sempre se tem consciência, por isso está estruturada a partir dos diversos campos do conhecimento. É na arte que muitas minorias se apresentam, onde a representatividade e a expressão se fazem livres, de julgamentos, de pré-conceitos, de paradigmas sociais estabelecidos.

Entretanto toda reflexão, discussão, contradição da arte não se encerra na linguagem visual, teatral ou tantas outras possíveis, Na atual condição a arte precisa ser debatida, pensada e apresentada enquanto pensamento, em uma linguagem explícita e compreensível a todos. Esta é a proposta deste livro: apresentar as discussões, as reflexões sobre arte para a academia, para os estudiosos e estudantes.

Entre os capítulos a abrangência dessa expressão fica evidente, quando se discutem funções da arte na atual sociedade, como pode ser utilizada para despertar o olhar para a cidade, a inclusão da mulher em espaços de arte pouco comuns, a interdisciplinaridade possível através da representação botânica, a moda, a tecnologia e até mesmo a preocupação com a acessibilidade aos espaços da arte.

Discutir sobre a arte é necessário, é adquirir consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Os trabalhos apresentados conduzem o leitor a diferentes caminhos, levando-os à reflexões, ao provocá-lo a compreender este universo tão amplo.

Enfim, como diz Alfredo Bosi: Arte é expressão, arte é conhecimento, arte é construção; com todas essas possibilidades as discussões são a ponta do novelo que nos conduz há um caminho de muitas perguntas, e nem tantas respostas, mas essa é a escolha de quem se permitiu ser contagiado pela arte!

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OS LUGARES NÃO VISTOS NA ESCOLA PERPASSADOS PELAS AÇÕES DA ARTE CONTEMPORÂNEA	
<i>Ana Beatriz Campos Vaz</i>	
CAPÍTULO 2	8
VIESES NEUROCIÊNCIAS DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE ARTE	
<i>Samara Madureira Brito Korb</i>	
CAPÍTULO 3	17
FORMAÇÃO E INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM ARTE	
<i>Maria da Penha Fonseca</i>	
<i>Renata Lucia de Assis Gama</i>	
CAPÍTULO 4	28
O MEIO AUDIOVISUAL COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE HISTÓRIA	
<i>Miguel Angel Ariza Benavides</i>	
CAPÍTULO 5	40
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	
<i>Amanda Aguiar Ayres</i>	
CAPÍTULO 6	52
ARTE NOS LIVROS DO PNLD PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I	
<i>Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama</i>	
CAPÍTULO 7	62
ARTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO JARDIM DOS FLAMBOYANTS DO COLÉGIO PEDRO II	
<i>Mônica de Mendonça e Sica Martins Aguiar</i>	
CAPÍTULO 8	76
ARTE E TECNOLOGIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DOS ANAIS DO CONFAEB SOBRE AS POSSIBILIDADES DIDÁTICAS COM O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS	
<i>Maria José Negromonte de Oliveira</i>	
<i>Taciana Pontual Falcão</i>	
CAPÍTULO 9	93
ARTE E RECRIAÇÃO NA ESCOLA: TRANSFORMAR E TRANSFORMAR-SE COM INCLUSÃO SOCIAL E RESPEITO À DIVERSIDADE	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
<i>Osimara da Silva Barros</i>	
<i>Najara Santos de Oliveira</i>	
<i>Luciane Ferreira Bomfim</i>	

CAPÍTULO 10	103
SOBRE OS MODOS DE APRENDER E ENSINAR: ALTERNATIVAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM MÚSICA	
<i>Teresa Mateiro</i>	
CAPÍTULO 11	119
PROCESSOS EDUCATIVOS NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA	
<i>Marcos Vinícius Ferreira da Silva Leila Adriana Baptaglin</i>	
CAPÍTULO 12	131
PRÁTICAS MUSICAIS INDÍGENAS: DO ESQUECIMENTO ÀS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Warllison de Souza Barbosa Márcio Lima de Aguiar</i>	
CAPÍTULO 13	141
O CORPO COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇAS...	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos Ursula Rosa da Silva</i>	
CAPÍTULO 14	149
DESVELANDO CAMINHOS COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS	
<i>Lilian Freitas Vilela</i>	
CAPÍTULO 15	158
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE PARA O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA	
<i>Edina Lucia Correia Azevedo</i>	
CAPÍTULO 16	171
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES DO TEATRO NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
<i>Flávia Janiaski Vale Eric Vagner de Souza</i>	
CAPÍTULO 17	183
O PRÉ-CINEMA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA DE INSERÇÃO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
<i>Fabiane Costa Rego Adriana Costa Rego</i>	

CAPÍTULO 18	194
PROCESSOS FORMATIVOS DO PROFESSOR E PESQUISADOR EM ARTES VISUAIS: TENDÊNCIAS E CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS E SEU DESDOBRAMENTO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<i>Fernanda Monteiro Barreto Camargo</i> <i>Gerda Margit Schütz Foerste</i>	
CAPÍTULO 19	204
QUANDO SAÍMOS DA INSTITUIÇÃO, ESTAMOS SÓS! TENSÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS.	
<i>Leda Maria de Barros Guimarães</i>	
CAPÍTULO 20	223
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS AULAS DE ARTES VISUAIS EM UMA CLASSE DE ENSINO REGULAR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE E SEU ENSINO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE BOA VISTA-RR	
<i>Ivete Souza da Silva</i> <i>Emmanuela Chuery Schardong de Andrade</i>	
CAPÍTULO 21	241
POEMAS URBANOS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA O ENSINO MÉDIO	
<i>Eleni Jesus de Souza</i>	
CAPÍTULO 22	257
RELATO DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PARA O APRENDIZADO NAS AULAS DE ARTE: A PARTIR DO ESTUDO DOS ARTÍSTAS JOHN AHEARN E RIGOBERTO TORRES	
<i>Laura Paola Ferreira</i> <i>Fabício Andrade</i>	
CAPÍTULO 23	267
UMA VIVÊNCIA PLÁSTICA POR INTERMÉDIO DO MARCO – MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MS	
<i>Patrícia Nogueira Aguenta</i>	
CAPÍTULO 24	278
A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES	
<i>Roseli Kietzer Moreira</i> <i>Lindamir Aparecida Rosa Junge</i>	
CAPÍTULO 25	288
O OLHAR FOTOGRÁFICO COMO POTÊNCIA CRÍTICA NA SALA DE AULA	
<i>Cláudia Mariza Mattos Brandão</i> <i>Guilherme Susin Sirtoli</i>	

CAPÍTULO 26 299

MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL: CONSTRUINDO SENTIDO A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ
EZELINO DA COSTA – CAICÓ/RN

Jailson Valentim dos Santos

CAPÍTULO 27 314

A PRÁTICA DA FOTOGRAFIA CEGA: TATEANDO OUTRAS VISUALIDADES NO ENSINO DAS
ARTES VISUAIS

Adriano Moraes de Freitas Neto

Gilberto Andrade Machado

SOBRE A ORGANIZADORA..... 324

A LINGUAGEM ESCULTÓRICA NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA PESQUISA DO PARFOR/FURB SOBRE VIVÊNCIAS DOS PROFESSORES NAS AULAS DE ARTES

Roseli Kietzer Moreira

Universidade Regional de Blumenau,
Departamento de Artes
Blumenau - Santa Catarina

Lindamir Aparecida Rosa Junge

Universidade Regional de Blumenau,
Departamento de Artes
Blumenau - Santa Catarina

RESUMO: Este artigo apresenta uma pesquisa desenvolvida no curso de Artes Visuais – PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), da Universidade Regional de Blumenau – FURB. A análise levantou dados com os professores da disciplina de Artes do Ensino Fundamental, anos finais, de escolas da rede pública de ensino da cidade de Brusque do estado de Santa Catarina, com o objetivo de averiguar como tem sido tratado os saberes e as vivências das práticas escultóricas em sala de aula. Essa questão surgiu durante as aulas da disciplina de Escultura, ao observar as inquietações trazidas pelos alunos do PARFOR em relação ao ensino-aprendizagem do tridimensional. A tridimensionalidade no contexto escolar traz sua referência não só no fazer artístico, mas nas possibilidades de uma aprendizagem mais complexa, propiciando uma reflexão sobre a capacidade de contribuir

com a transformação da realidade em que o indivíduo está inserido. A metodologia utilizada neste trabalho caracterizou-se como pesquisa bibliográfica, qualitativa e pesquisa-ação, considerando a análise dos resultados obtidos nas avaliações dos professores por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas. Os resultados da pesquisa, que envolveu vinte professores de Artes, revelaram dados com destaque para as práticas e conceitos desenvolvidos, as dificuldades encontradas em sala de aula e os materiais escultóricos utilizados para as atividades artísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Tridimensional. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: This article presents a research developed in the Visual Arts course – PARFOR (National Plan for Formation of Teachers of Basic Education), of the Regional University of Blumenau – FURB. The research raised data with the teachers of the Arts discipline from Elementary School, final years, in the public school system of the Brusque city in Santa Catarina state, in order to find out how it has been treated knowledge and the experiences of the sculptural practices in the classroom. This question came up during the classes of Sculpture, when observing the concerns brought by PARFOR students in relation to the teaching-

learning of the three-dimensional. The three-dimensionality in the school context brings its reference not only in the artistic practice, but in the possibilities of a more complex learning, propitiating a reflection on the capacity to contribute with the transformation of the reality in which the individual is inserted. The methodology applied in this work was characterized as bibliographical research, qualitative and action research, considering the analysis of the results obtained in the teachers' evaluations by means of a questionnaire with open and closed questions. The results of the survey, in which involved twenty teachers of Arts, revealed data highlighting on concepts and practices developed, the difficulties found in the classroom and the sculptural materials used for artistic activities.

KEYWORDS: Education. Three-dimensional. Pedagogical Practices.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe mostrar o resultado de uma pesquisa com os professores de Artes da rede pública municipal e estadual de ensino da cidade de Brusque do estado de Santa Catarina, que surgiu com a necessidade de se buscar (ou resgatar) o entendimento dos conceitos que permeiam as práticas com o tridimensional na sala de aula.

Nas aulas de Artes é possível trabalhar várias possibilidades educativas. Um campo bastante fecundo são as linguagens tridimensionais com atividades escultóricas. Para isso, faz-se necessário que o arte-educador amplie suas práticas pedagógicas, permitindo que o educando possa desenvolver suas capacidades artísticas tanto na linguagem bidimensional quanto na tridimensional.

Nesse sentido, procurou-se desenvolver uma pesquisa, coletando dados com esses professores de Artes, averiguando de que forma têm sido abordadas as práticas e os conceitos que envolvem as linguagens tridimensionais durante as suas aulas. Este trabalho foi elaborado tendo por base o seguinte problema: a partir de observações em sala de aula percebeu-se que os alunos possuem dificuldade para colocar em prática alguns conceitos que envolvem as atividades tridimensionais, como por exemplo a abstração. Feita tal verificação, surgiram algumas questões: Com que frequência os professores trabalham a prática do tridimensional/escultura em sala de aula? Os professores possuem dificuldades em trabalhar essa prática no contexto escolar? De que materiais o professor se utiliza para as atividades escultóricas?

Partindo dessas demandas, traçou-se o objetivo para efetivação deste trabalho: pesquisar com os professores de Artes da rede pública de ensino, suas atividades e os seus conhecimentos sobre o tridimensional em sala de aula.

Na sequência apresenta-se um referencial teórico com o propósito de ampliar o conhecimento sobre a linguagem escultórica, a descrição e a análise dos dados da pesquisa realizada com os arte-educadores e as considerações finais, seguidas das

referências.

2 | ASPECTOS CONCEITUAIS DA ESCULTURA

2.1 Escultura figurativa

Além dos conceitos da matéria e forma, outro aspecto relevante da escultura é a sua representação que pode ser encontrada tanto na forma figurativa quanto na abstrata.

De acordo com Aranha e Martins (1998, p. 205), a arte figurativa “[...] é aquela que retrata um lugar, um objeto ou uma pessoa de forma que possam ser identificados, reconhecidos. Abrange desde a figuração realista até a estilizada.”. Osborne (1974, p. 73), complementa a ideia do figurativo como sendo “[...] o naturalismo em função do hábito mental que desvia a atenção da obra de arte como tal e contempla, através dela, como que um espelho ou de uma janela transparente, a fatia de realidade que ela imita [...]”.

Essa atitude perante a escultura surge já na Grécia quando o escultor era admirado pela sua habilidade em reproduzir esculturas naturalistas. O conceito que melhor parece expressar a ideia de figurativo era a *mimese*, que em grego significa “imitação”, que numa primeira idéia, ainda que incerta, está ligada ao conceito procedente do naturalismo. Conforme Aranha e Martins (1998, p. 210) “[...] os escultores ‘imitavam’ a realidade, ou seja, tentavam, em suas obras, criar uma ilusão de realidade.”. No período grego Helenístico, a escultura atinge o auge do realismo, como no exemplo da escultura *Laocoonte e seus filhos*, e geralmente envolta num contexto mitológico. Os romanos seguem a tendência figurativa grega, porém visando os retratos e bustos de imperadores.

Retomada no Renascimento e aprimorada no Maneirismo e Barroco, a figura humana se torna o centro de interesses no conceito de artistas como: Donatello (1386-1466), Michelangelo (1475-1564) e Bernini (1598-1680). Nesses períodos, a escultura é definida com personalidade e precisão.

No século XIX, surge a fotografia que representa a realidade de maneira fiel e com rapidez. A função da arte é repensada e surge uma ruptura em que a arte figurativa passa a ser questionada. Na escultura, é Auguste Rodin que inicia as tentativas de simplificação da forma, não se importando com a idealização do real.

Ainda que a escultura tenha sofrido uma evolução própria, também refletiu as duas grandes atitudes intelectuais que dominaram o período: a submissão à realidade, que tende a se apresentar como algo que se desvanece, fruto de uma visão, como na pintura, e a possibilidade de sugerir um impulso espiritual, simbólico, mais além da matéria. (NAME, 2008, p. 225).

Até o início do século XX, as tendências do fazer escultórico ainda buscavam conexões com a figuração e a realidade, mas isso acaba com o surgimento das

novas propostas da arte moderna, principalmente com a tendência conhecida como abstração.

2.2 Escultura abstrata

A primeira referência à palavra abstração no campo da estética foi com o texto *Abstraction et Einfühlung*, publicado em Munique em 1908 na tese de doutorado de Worringer. Ele define a abstração como

O impulso artístico original não tem nada a ver com a imitação da natureza. Ele busca a abstração pura como única possibilidade de descanso interior da confusão e da obscuridade da imagem do mundo, e cria a abstração geométrica a partir de si mesmo, de modo puramente instintivo (WORRINGER, 1978 apud BONFAND, 1996, p. 11).

A abstração nasce a partir do século XX, em uma tentativa dos artistas europeus de superarem o academismo que norteava os campos da arte. Os escultores que pertencem ao construtivismo russo tentavam mostrar a vida moderna através da forma abstrata. Para Name (2008, p. 244), o construtivismo cinético é “[...] uma arte não objetiva, isto é, não possui referências concretas e nasce da lógica do próprio material e sua forma.”. Alguns de seus representantes foram Vladimir Tatlin, Antoine Pevsner e Naum Gabo.

Conforme Battistoni (2003), uma das características aceitas na escultura moderna foi a forma abstrata, inspirada em duas tendências: o construtivismo e o abstracionismo orgânico.

O século XX foi um período de aplicação das conquistas técnicas devido ao progresso industrial iniciado no século anterior. Houve uma mudança na busca de conceitos em que o construtivismo cinético procura expressar através da forma abstrata “[...] ainda que não se excluam insinuações figurativas, a mecanização da vida moderna.” (BATTISTONI, 2003, p. 140). O conceito cinético foi utilizado inicialmente pelos construtivistas, no qual o objetivo da escultura era criar efeitos visuais por meio de oscilações.

Outra tendência, o abstracionismo orgânico, vê nas formas da natureza sua fonte de criação artística. Para Battistoni, o abstracionismo orgânico se inspira diretamente na natureza “Anima-se da ânsia de surpreender, captar e comunicar, sob formas abstratas, os ritmos elementares de vitalidade as pulsações primordiais de vida ou os processos de formações da matéria viva.” (BATTISTONI, 2003, p. 140). *O Oval com Pontos* de Henry Moore é um exemplo de escultura orgânica abstrata.

O abstracionismo pode buscar inspiração nos símbolos e signos encontrados nas civilizações arcaicas e nas culturas primitivas, algumas em estágios místicos e mágicos com base no conhecimento e na interpretação do universo e dos fenômenos da vida.

3 | O TRIDIMENSIONAL

A Arte é um dos campos do conhecimento que mais sofreu transformações nas últimas décadas. Dessa forma, entende-se que a história da arte conta a nossa própria história, afinal somos o resultado de um longo processo cultural.

Dentro das manifestações artísticas, a escultura é uma das linguagens que vem buscando novos desafios a cada período da história, a cada movimento artístico.

Para Coll e Teberosky, a escultura tem volume, isto é “[...] são formas que podem ser apresentadas no espaço tridimensional. [...] de vários ângulos: pela frente, por trás, pelo lados, por cima, por baixo. Podemos andar ao seu redor e ter delas várias imagens diferentes.” (COLL; TEBEROSKY, 2000, p. 45). Assim, um objeto com volume tem três dimensões: altura, largura e profundidade. No decorrer da história a escultura sempre esteve associada à massa, peso e solidez.

Conforme Coll e Teberosky (2000), na modernidade as técnicas aditivas na escultura por meio da construção e acréscimo de materiais passam a ampliar as possibilidades da prática escultórica, que antes estava submetida às técnicas subtrativas, ao tradicional entalhe, que consiste no desbaste do material. Não somente as novas técnicas e as pesquisas de novos materiais, mas outros conceitos como o espaço, a transparência, a abstração, o movimento e a cor trazem uma nova roupagem para a forma clássica da escultura. Na Modernidade, as esculturas começam a incorporar, nelas mesmas, o próprio vazio, que é o oposto do volume, criando o aspecto do vazado como uma opção escultórica.

Conforme Krauss (2007), uma área do conhecimento não está restrita a ela mesma. A escultura vai para além de uma mera experiência visual do objeto criado pelo artista. Agora se depara com uma concepção múltipla, com experiências mais complexas que propiciam ao observador vivências táteis, sensoriais, mentais e sensíveis, graças à diversidade de materiais e conceitos.

Em seu livro *O tridimensional: Dimensões para arte e educação*, Moreira (2012, p. 36-37) enfatiza

[...] é possível perceber que a tridimensionalidade em artes, representada pela escultura, objeto, cerâmica, instalação, procura superar a própria materialidade imposta por conceitos e regras. De conceitos estéticos fundamentados em estabilidade, rigidez, peso e figuração, a tridimensionalidade passa a movimento, leveza, fluidez, abstração. Os materiais se diversificam, além dos clássicos – mármore, madeira e bronze, surgem os metais como o alumínio, o ferro, e o aço e materiais mais inusitados como o plástico, o papel, o vidro, o concreto, entre outros. Essas mudanças são decorrentes da própria mudança tecnológica, perceptiva e histórica do mundo.

No século XX, a escultura se liberta de concepções extremamente enraizadas durante séculos de história como por exemplo, o pedestal. Essa quebra se dá com o artista construtivista Vladimir Tatlin. Ao perder o “suporte” clássico, a escultura se abre às possibilidades do espaço. Ao invadir o espaço, ela perde seu próprio nome.

Os novos conceitos não cabem mais na palavra “escultura” que remete a algo estático e volumoso. Segundo Teixeira Coelho e Denis Molino, curadores da exposição Obsessões da Forma no MASP em 2012

[...]hoje não mais cabe, quando a palavra nem é mais escultura, porém tridimensional. E isso porque a obra não só mais representa a mesma coisa de antes como nem utiliza mais o mesmo gesto, o gesto de pôr, de acrescentar matéria a matéria, ou o de tirar, de extrair a forma da matéria de que Michelangelo considerava o modo sublime da cultura. (COELHO; MOLINO, 2012, p. 32).

O tridimensional se impõe como uma nomenclatura que possui a competência necessária para abarcar todas as novas perspectivas escultóricas, principalmente na contemporaneidade, em que as fronteiras entre escultura, objeto e instalação, são muitas vezes questionadas.

Em se tratando de aspectos contemporâneos no campo das artes, muitas vezes, tem-se a incompreensão, o estranhamento e até certa aversão. O propósito desta contextualização sobre os quesitos históricos e conceituais da escultura é justamente de ampliar o conhecimento sobre a linguagem tridimensional, e, assim, contribuir para o entendimento desse universo tão amplo e ainda tão recente na arte.

4 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a efetivação desta pesquisa fez-se necessária a realização de uma pesquisa em forma de questionário, que foi direcionado aos arte-educadores. Contribuíram com a pesquisa o total de 20 arte-educadores e pode-se obter alguns resultados da pesquisa cuja temática é sobre as práticas tridimensionais na arte-educação, nas escolas.

A seguir, demonstram-se os dados coletados por meio de alguns gráficos:

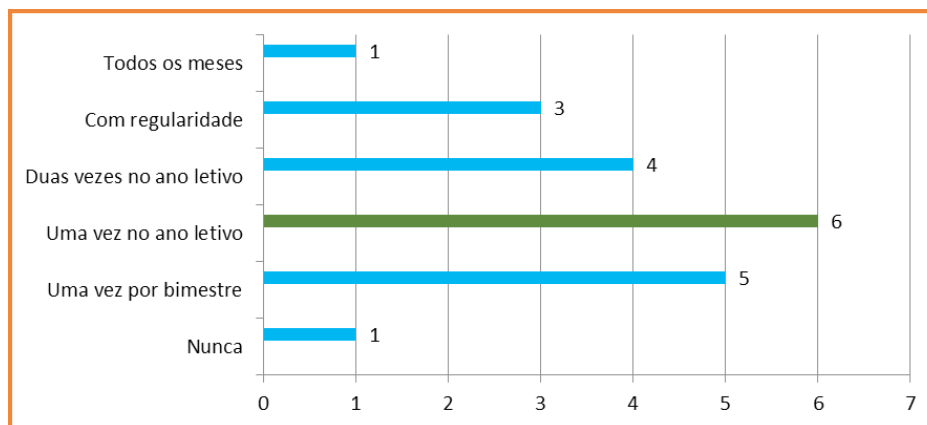
Primeira questão: Conhece os escultores na sua região? Oito professores responderam “não” e doze responderam “sim”.

Os escultores citados na resposta dessa questão foram:

- 1- Pita Camargo (8 vezes);
- 2- Eli Heil (2 vezes);
- 3- Friedel Steiner (2 vezes);
- 4- Karl Teichmann (2 vezes);
- 5- Cláudia Rieg (1 vez);
- 6- Elke Hering (1 vez);
- 7- Ervin Curt Teichmann (1 vez);
- 8- Kiko Cervi (1 vez).

Segunda questão: Para você, professor, o tridimensional tem um papel importante nas aulas de Artes? Todos responderam “sim”.

Terceira questão: Com que frequência o professor trabalha o tridimensional em sala de aula?



Gráf. 1. Resposta da questão 3

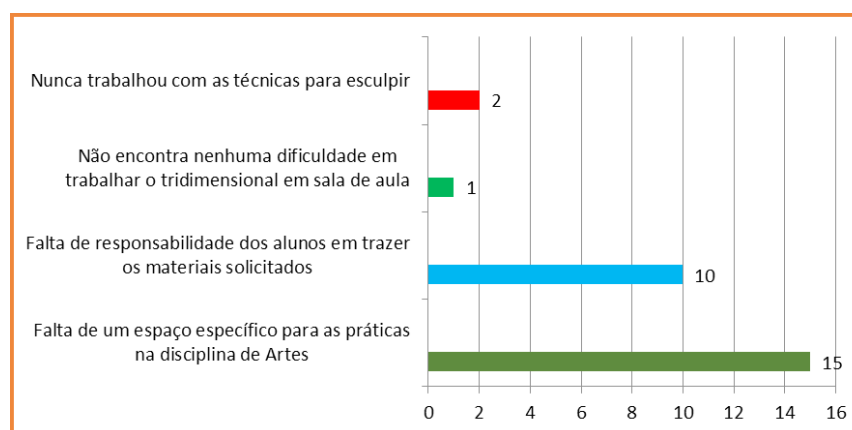
Fonte: Os autores.

Quarta questão: Você já levou seus alunos para conhecer alguma escultura em museu ou praça? Onze professores responderam “não” e nove responderam “sim”.

Sobre os locais visitados:

- 1- Simpósio Internacional de Esculturas em Brusque – SC (3 vezes);
- 2- Museu Oscar Niemeyer em Curitiba – PR (2 vezes);
- 3- Ateliê do escultor Pita Camargo (2 vezes);
- 4- Parque das esculturas em Curitiba – PR (1 vez);
- 5- Museu Mundo do Ovo (Eli Heil) em Florianópolis – SC (1 vez);
- 6- Igreja São José em Timbó – SC (1 vez);
- 7- Fundação Cultural de Blumenau (1 vez).

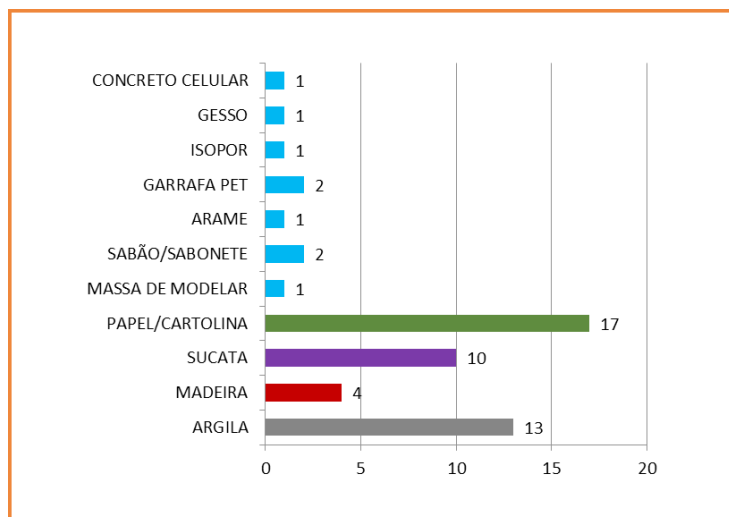
Quinta questão: Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar o tridimensional em sala de aula?



Gráf. 2. Resposta da questão 5

Fonte: Os autores

Sexta questão: Que tipo de materiais escultóricos o professor trabalha em sala de aula?



Gráf. 3. Resposta da questão 6

Fonte: Os autores.

Sétima questão: Tem alguma experiência sobre uma atividade tridimensional em sala de aula que possa relatar?

Cada entrevistado respondeu uma opção abaixo, com exceção de dois que não responderam:

“Painéis utilizando materiais como sucata para criar uma ilusão em 3D.”.

“Colagens e bonecos de jornais para criar uma ilusão em 3D.”.

“Escultura da Vênus de Willendorf feita de argila e perspectiva na construção de móveis com base nas obras de Portinari.”.

“Releitura das obras de Pablo Picasso utilizando materiais como argila e papel.”.

“Sobre o Cubismo: esculturas em argila, cones de linha e rolos de papel higiênico.”.

“Releitura das obras dos pintores Van Gogh e Tarsila do Amaral usando massa de modelar.”.

“Criar esculturas a partir de garrafa pet.”.

“Esculturas e colunas gregas usando argila.”.

“Escultura com concreto celular sobre esculturas modernas e móveis de Alexander Calder com armação de arame.”.

“Esculturas em argila.”.

“Origami com balão de São João, Tsuru e garça japonesa.”.

“Alguns instrumentos musicais de percussão com rolo de papel higiênico ou EVA.”.

“Esculturas de papel com dobraduras criando formas tridimensionais de uma base bidimensional.”.

“Escultura com gesso com base nas obras expressionistas de Alberto Giacometti.”.

“Esculturas modernas usando os materiais como: argila, gesso e sabonete.”.

“Trabalho sobre a Mesopotâmia com a criação de vasos de argila (princípio do pote), instrumentos musicais e brinquedos usando sucata e garrafa pet.”.

“Esculturas criativas com sucata e isopor com base nas obras de Gaudí.”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste artigo, pode-se afirmar que os objetivos foram atingidos. Mediante a pesquisa realizada com os professores, reuniu-se dados que possibilitaram averiguar como vem sendo tratado o conceito de tridimensionalidade nas aulas de Artes.

Agradecemos a participação de Adilson Martins de Carvalho, que foi aluno bolsista da graduação do Curso de Artes Visuais PARFOR/FURB e investigou junto aos professores e realizou seu TCC com base nestes dados.

Os dados da pesquisa evidenciam a prática, sendo que o tridimensional ainda é um conceito desconhecido para a maioria dos arte-educadores. Na questão da contextualização, 60% dos entrevistados afirmaram que conhecem os escultores da região, mas ao mencionar os trabalhos com o tridimensional surgem nomes de artistas como Pablo Picasso, Alexander Calder e Alberto Giacometti e nenhum escultor local.

Apesar de todos considerarem importante o papel da tridimensionalidade nas aulas de Artes, a frequência do trabalho para a maioria dos professores com essa temática é reduzida durante o ano letivo (inclusive dois professores nunca trabalharam atividades com o tridimensional). Entre os motivos argumentados estavam a falta de ambientes adequados para aplicar as práticas escultóricas e a negligência dos alunos em trazer os materiais solicitados.

Outra questão relevante desta pesquisa foi a saída a campo, na qual 55% dos professores nunca propiciaram uma visita a um museu ou praça, ou seja, as aulas de Artes estão restritas à sala de aula.

Quanto aos materiais escultóricos trabalhados em sala de aula, surgem várias materialidades, sendo os mais utilizados: o papel/cartolina, a sucata e a argila. Os relatos quanto às atividades tridimensionais em sala de aula são múltiplas e vão desde a criação de painéis, brinquedos e instrumentos musicais com sucata, exercícios do bidimensional para o tridimensional, usando releituras e dobraduras, até esculturas em argila com base no Classicismo grego. Atividades mais contemporâneas são sugeridas por meio de armações de arame com base nos móveis de Alexander Calder e esculturas de gesso expressionistas tendo por base o artista Alberto Giacometti.

Observa-se que os professores poderiam desenvolver mais atividades ligadas à linguagem tridimensional. O impasse, além dos já mencionados na pesquisa, pode ser a falta de um maior conhecimento dos aspectos históricos e conceituais da escultura, pois a tridimensionalidade na sala de aula não é somente apresentar a parte prática, o professor precisa relacioná-la com os aspectos teóricos, os conceitos e os contextos específicos, para que o aluno tenha o entendimento necessário a fim de usufruir e

apreciar o acervo escultórico no seu cotidiano. É preciso que o arte-educador oportunize o diálogo e proporcione ao educando as práticas e saberes específicos, a fim de que ele possa entender a arte escultórica que faz parte do meio onde está inserido.

Espera-se que esta pesquisa possa também contribuir para o conhecimento mais abrangente da escultura, e instigar os professores ao compromisso de trabalhar de forma mais ampla o tridimensional nas aulas de Artes

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

BATTISTONI FILHO, Duílio. **Pequena história da arte**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BONFAND, Alain. **A arte abstrata**. Campinas: Papyrus, 1996.

COELHO, Teixeira; MOLINO, Denis. **Obsessões da forma**. São Paulo: MASP, 2012. (Catálogo)

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo arte**. São Paulo: Ática, 2000.

JANSON, H. W. **A história geral da arte**. São Paulo: Fontes, 2009.

KRAUSS, Rosalind. **Caminho da escultura**. 2. ed. São Paulo: Fontes, 2007.

MOREIRA, Roseli Kietzer. **O tridimensional: dimensões para arte e educação**. Blumenau: Nova Letra, 2012.

_____. **Técnica e gênero de escultura**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2011.

NAME, Leonardo dos Passos Miranda. **Enciclopédia do estudante**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2008.

OSBORNE, Harold. **Estética e teoria da arte**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

READ, Herbert Edward. **Escultura moderna**. São Paulo: Fontes, 2003.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-15-4

